

Signo da relação, energia, meio ambiente e comunicação



Renato Seixas

*Mestre e doutor em Integração da América Latina (Prolam, USP) e professor da EACH (USP)
E-mail: renatoseixas@terra.com.br*

Katiuscia Lopes

*Bacharel em Publicidade e Propaganda (ECA/USP)
Doutoranda em Teoria da Comunicação (ECA/USP)
E-mail: katiuscialopes@yahoo.com.br*

Resumo: O I Fórum Internacional de Energia, Meio Ambiente e Comunicação Social, realizado pela Faculdade Cásper Líbero, do Brasil, e Universidade Fernando Pessoa, de Portugal, mostrou como paradigma positivista gera dificuldades para a compreensão da realidade complexa com que lida o profissional de comunicação. Esse profissional, como mediador de signos das relações sociais multidimensionais, produz narrativas em que capta a polifonia e a polissemia nos intertextos da vida social.
Palavras-chave: comunicação social, jornalismo, energia, meio ambiente, mediações.

Signo de la relación, energía, medio ambiente y comunicación
Resumen: El I Forum Internacional de Energía, Medio Ambiente y Comunicación Social, realizado por la Facultad Cásper Líbero, del Brasil, y por la Universidad Fernando Pessoa, de Portugal, presentó como el paradigma positivista genera dificultades para la comprensión de la realidad compleja con que trabaja el profesional de la comunicación. Ese profesional, como mediador de signos de las relaciones sociales multidimensionales, produce narrativas en que capta la polifonía y la polisemia en los intertextos de la vida social.
Palabras clave: comunicación social, periodismo, energía, medio ambiente, mediaciones.

The meaning of the relation, energy, environment and communication

Abstract: The I International Forum of Energy, Environment and Social Communication, that occurred by Faculdade Cásper Líbero, from Brazil, and Universidade Fernando Pessoa, from Portugal, presented how the positivist paradigm generates difficulties in the comprehension of the complex reality the social communication professionals work with. As mediators of the multidimensional meanings of the social relations, such professionals produce discourses in which they grasp the polyphonic and polissemic meanings that are inherent in social life.
Key words: social communication, journalism, energy, environment, mediations.

A Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo, Brasil, e a Universidade Fernando Pessoa, de Portugal, propuseram-se a refletir sobre três temas atuais inquietantes: a produção de energia, seus impactos no meio ambiente e a função dos profissionais de comunicação social como mediadores de signos das relações sociais. Essas instituições organizaram o I Fórum Internacional de Energia, Meio Ambiente e Comunicação Social, entre 20 e 23 de outubro de 2008, sediado na Faculdade Cásper Líbero, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Cremilda Medina e do jornalista Sinval Medina. Juntamente com representantes da sociedade, o Fórum tratou da crise do positivismo e de seus impactos na comunicação social, propondo novos paradigmas para os profissionais exercerem sua função de mediação social. O Fórum evidenciou que o modelo positivista não possibilita uma apreensão ampla e a compreensão da realidade complexa com que lidam a ciência em geral e o profissional de comunicação social em particular.

Os resultados das reflexões do Fórum, maduros e lúcidos, transcendem utopias que propõem a abolição das tendências de con-

sumo das sociedades contemporâneas. Buscaram-se diagnósticos abrangentes e estratégias integradas para lidar com as questões da produção de energia e de seus impactos no meio ambiente. Os trabalhos ofereceram visão de conjunto para o profissional da comunicação social desempenhar sua importante função de mediação simbólica.

● Crise do positivismo

A finalidade de um modelo teórico é simplificar a realidade para torná-la compreensível. O paradigma ocupa-se de aspectos da realidade, que, no entanto, é sempre complexa e multidimensional. Fatos que a síntese analítica do modelo teórico não permite compreender são chamados anomalias. Estas não invalidam o paradigma, apenas confirmam sua eficiência *geral* e evidenciam que há *exceções* que o modelo não permite compreender. Comparando-se os diversos paradigmas identifica-se qual deles permite compreender *mais* (aspecto quantitativo dos fenômenos estudados) e melhor (aspecto qualitativo, no sentido de haver o menor número possível de anomalias) a realidade estudada. Assim, o modelo teórico passa a ser considerado o mais eficiente até que seja superado por outro (Seixas, 2006).

O positivismo (sobretudo em sua vertente cartesiana) sustenta a dicotomia entre sujeito observador e objeto observado. O sujeito terá de se manter neutro em relação ao fenômeno que observa. A neutralidade o impediria de projetar impressões subjetivas no objeto examinado e de distorcer a realidade “objetiva”. Ocorre que, desse modo, o observador passa a ter visão incompleta da realidade, e isso o conduz em geral a um discurso autoritário e fragmentado sobre os fenômenos examinados. É marcante a tendência do positivismo em classificar os fenômenos, por exemplo, em substanciais ou acidentais, em certos ou errados, em verdadeiros ou falsos, em causais ou conseqüentes.

A perspectiva fragmentária do discurso positivista torna difícil perceber e compreender os fenômenos em contextos mais

amplos, em redes de causalidades e de confluências. Ao adotar a dicotomia sujeito-observador-objeto observado, o positivismo não capta os aspectos multidimensionais da realidade complexa que se propõe a “explicar”. Surgem, então, muitas anomalias que esse paradigma não consegue “explicar e justificar”, muito menos compreender. A crise do modelo positivista, no entanto, é muito mais ampla e profunda do que é possível dizer nos limites de um texto como este. Resulta que é preciso buscar novos paradigmas, que permitam ao profissional da comunicação social captar a polifonia, a polissemia e os signos que emergem da realidade social subjacente à notícia. É preciso avançar na direção do que está sendo aqui chamado de “signo da relação” (Medina, 2008).

● O signo da relação

Foi comum na literatura da comunicação social esquematizar o processo de comunicação como monológico e unidirecional. Acreditava-se que o emissor da mensagem era sujeito ativo e o receptor dela apenas passivo, tendo este como função receber e decodificar o significado *contido* na mensagem. Esse modelo, simplista, não corresponde à complexidade dos processos de comunicação. A vida social é multidimensional. Circulam no ambiente social bens que podem ter valores e significados distintos para cada indivíduo ou grupo, época e lugar. Esses fatos, bens e valores relevantes para a sociedade exigem que a linguagem e o sistema de mediação de significados intertextuais sejam igualmente multidimensionais. Conforme as relações individuais e sociais tornam-se mais complexas e amplas, a linguagem e o sistema de significados culturais precisam ser reatualizados pelos mediadores sociais, os quais, através de suas narrativas sobre a realidade, recriam-na e dão estabilidade, mesmo que transitória, ao quadro geral de referências culturais vigentes em certo contexto.

A linguagem e a comunicação em geral precisam ser diferentes para poderem ser compreendidas por pessoas diversas em con-

textos distintos (Madeira, 2004). Por isto, a construção da narrativa, embora com a marca de criação de seu autor, permanece inacabada, pois cada destinatário irá completá-la com base em seu respectivo sistema de valores e de signos. Cruz (1986) sustenta que um texto qualquer (não necessariamente o literário) contém um conjunto de significados propostos por seu autor e que, ao ser recepcionado pelo destinatário (pelo leitor do texto original), passa a ter outros significados que esse receptor lhe agrega em conexão com sua própria realidade. Nesse sentido, o texto original simboliza certa realidade, e a *leitura* desse texto pelo destinatário simboliza *outra realidade*, que pode ou não coincidir com aquela imaginada e narrada pelo autor. Desse modo, a leitura ou recepção do texto original dá origem a *outra narrativa*, agora feita pelo leitor.

Para sustentar esse ponto de vista, a autora passa em revista os fundamentos tradicionais da ciência a partir da distinção entre sujeito e objeto, recupera os fundamentos da crítica estruturalista para, então, assinalar os traços essenciais de um novo paradigma da estética da recepção. Pondera que a questão fundamental não é a de saber qual o detentor do sentido – se o texto, se o sujeito –, mas, sim, a de compreender como texto e sujeito se constituem, e de que modo o sentido os atravessa (Cruz, 1986). Ressalta que o sujeito leitor é uma realidade exterior ao texto com o qual interage, constituindo ele também – leitor – o sentido desse *texto* conforme o *contexto* em que ambos se ligam para o acontecimento interativo.

Assim, o texto em si mesmo não carrega um significado definitivo, pronto e acabado, construído pelo seu autor. Ao contrário, produzido o texto, o autor perde em grande parte o controle do seu conteúdo, que será fixado *também* pelo leitor, com o significado que tal receptor vier a atribuir ao *texto* dentro do *contexto* assinalado. A *alteridade* entre leitor e obra marca a construção do significado do texto segundo o paradigma da estética da recepção. Cruz observa que qualquer narrativa a respeito do texto resulta de um processo

de leitura em que um sujeito historicamente condicionado constrói a dialogia e os sentidos da obra. Ao proceder assim, o leitor cria *outra obra*, na qual se implica. A *cada leitura* o leitor de um texto estabelece os sentidos



Mesmo no bojo da “cultura de massa”, o criador de um produto cultural o assina: imprime nesse produto sua marca, com que o distingue dos demais

que podem resultar da obra; faz relações entre a verdade do autor e a verdade estabelecida pelo próprio leitor em sua interação com o texto. Ao recriar a narrativa textual, o leitor lhe atribui significações que dão coerência e lógica à *sua* própria realidade, essa realidade contida na *sua* narrativa.

Medina (1988) evidencia muito bem a atuação do mediador dos significados intertextuais numa dada relação. O processo comunicacional é dialético. Não é possível que poderes dominantes determinem – de modo irresistível – o significado das mensagens que difundem na sociedade. Se, por um lado, esses poderes se apropriam da informação, editam-na e a difundem com os significados que lhes interessam, por outro lado, tanto o conteúdo dessas mensagens como seus possíveis significados serão objeto de mediação pelos receptores. Esta observação decorre do fato de que as sociedades avançadas dependem do livre intercâmbio de informações *orientadas para a ação e para a renovação*, não para a passividade contemplativa. A comunicação é organizada para interferir no presente, e não para manter a tradição.

A autora pondera que houve época em que se considerava que os meios de comunicação social reproduziam uma cultura industrializada. A importância dos criadores dessa cultura era eliminada ou minimizada,

pois esses meios de comunicação eram governados pelos princípios da rentabilidade e da homogeneização cultural impessoal. Todavia, exatamente por ser um produto *cultural*, não é possível homogeneizá-lo de modo absoluto. Qualquer manifestação cultural abrange o *elemento criativo*. Por isso, surge uma relação dialética entre o sistema de produção ou reprodução cultural e o criador dos elementos culturais absorvidos no sistema. Mesmo no bojo da “cultura de massa”, o criador de um produto cultural o *assina*: imprime nesse produto *sua* marca, com que o distingue dos demais.

Por meio de narrativas que carregam a marca de criação e de autoria do mediador de significados intertextuais, a sociedade também se manifesta



O indivíduo, como mediador de significados sociais intertextuais, concilia suas aptidões racionais, intuitivas e emotivas, em condições de produzir uma narrativa solidária e transformadora da realidade. O uso da racionalidade, desvinculado da emoção solidária e da intuição, apenas pode reproduzir o sistema de valores vigentes em dado grupo social. A emoção irracional dificilmente será construtiva. A intuição despreendida da ética e da solidariedade pode ser estéril. A narrativa de *autoria* do receptor dá origem a outra realidade porque integra a racionalidade, emoção e intuição, componentes da inteligência plena, expressão máxima da humanidade do indivíduo (Morin, 2005a). Ora, a comunicação coletiva envolve e requer diálogo constante entre os atores sociais. Nesse processo, o mediador do signo da relação atua tanto antes da veiculação das mensagens como depois da distribuição delas. Antes da veiculação, o mediador é verdadeira voz so-

cial, fonte de significados sociais e emissor da mensagem. Depois que a mensagem tiver sido distribuída, o mediador também a recebe e a reelabora, como um sujeito anônimo ou não, confirmando ou transformando a significação disseminada na sociedade.

Realiza-se, assim, um processo dinâmico e dialético. Como exposto em outro trabalho (Seixas, 2006), as sociedades menos complexas são compostas por poucos indivíduos, de modo que os vínculos pessoais são mais nítidos, mais estáveis, e as convenções simbólicas vigentes no grupo exercem maior pressão no que concerne à padronização de comportamentos, materializada na força da tradição. As sociedades da fase industrial e pós-industrial, ao contrário, apresentam características bastante diferentes daquelas das sociedades tradicionais. Nas sociedades industriais e, mais particularmente, nas sociedades contemporâneas, as relações pessoais entre os indivíduos são muito mais frouxas, instáveis e tendem a ser substituídas pelas relações de cada indivíduo com instituições sociais: a família, a associação de bairro, a comunidade religiosa, o partido político, a associação profissional. Há maior diferenciação de papéis sociais e de trabalho. As relações sociais são bastante fragmentadas e apóiam-se muito mais nas funções que os indivíduos cumprem na sociedade do que nas qualidades pessoais de cada um deles.

Segundo Lohisse (1969), nesse contexto de relações fragmentárias, os indivíduos perdem contato com o quadro original de referências culturais típicos de sociedades tradicionais. Por essa razão, esses indivíduos sentem-se isolados e sozinhos numa sociedade multitudinária. Para superarem essa situação angustiante, buscam um novo universo cultural de referência para reconstruírem sua identidade e voltarem a se sentir integrados a uma comunidade. Esse novo quadro de referência cultural provoca novo processo dialético. Por um lado, induz o indivíduo a assumir valores e comportamentos homogêneos, padronizados, que fazem com que ele perca progressivamente a sua identidade subjetiva na medida em que tenta ser cada vez mais

igual aos outros indivíduos da multidão. Por outro lado, nesse novo processo dialético, o indivíduo tenta resgatar sua própria identidade e expressá-la no âmbito da sua comunidade, motivo pelo qual, sem abdicar do desejo de participar da sociedade, passa a desenvolver novos valores e a adotar comportamentos aos quais atribui novos significados, que reintroduz no meio social. Nesse contexto mutante, instável e dinâmico, cada indivíduo atua como mediador dos significados intertextuais disseminados no meio social e, então, depois de absorvê-los, processá-los e reorganizá-los, transformando-os num cosmos, passa a reinseri-los no quadro geral de signos sociais.

Os profissionais de comunicação social são importantíssimos mediadores de signos das relações sociais, pois as narrativas que fazem a respeito dessas relações podem captar a polifonia, a polissemia existentes na sociedade, estabelecendo redes de intervenção solidária com outros atores sociais.

● Problemas, perspectivas e tendências

Os painéis técnico-científicos, seminários pedagógicos, workshops e discussões realizados durante o Fórum trouxeram exemplos contundentes da insuficiência do paradigma positivista para a compreensão da realidade complexa com que lida o profissional da comunicação social em geral e, em particular, o jornalista. O temário apresentou aspectos multidimensionais relacionados à produção de energia, ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. Evidenciou que, de modo geral, a cobertura jornalística desses fenômenos apresenta características típicas do modelo positivista: fragmentação da informação; discurso autoritário e opiniático das fontes que controlam, editam e difundem o fluxo de informações destinadas à sociedade; identificação de fenômenos causais e seus efeitos; classificação de condutas “certas” ou “erradas” dos diferentes atores sociais envolvidos nos temas energéticos, ambientais e desenvolvimentistas. Poucas coberturas jornalísticas escapam dos vieses positivistas.

Os trabalhos do Fórum apontaram a necessidade urgente de adoção de outros paradigmas, mais complexos, de mediação simbólica para captar os aspectos multidimensionais, polifônicos, polissêmicos e intertextuais inerentes à vida social contemporânea. Se o sujeito observador se colocar *também* como *sujeito observado* no contexto do fenômeno que examina, poderá apreender e compreender mais amplamente as múltiplas dimensões, vozes e sentidos que emergem *do* ambiente social. Por meio de narrativas que carregam a marca de criação e de autoria desse mediador de significados intertextuais, a sociedade *também* se manifesta e, assim, inverte-se o vetor da informação: ao invés de autoritária, fragmentada, monológica, unidirecional, a informação passa a ser mais democrática, integrada, polifônica e polissêmica.

O Fórum foi efetivamente palco de manifestações dessa natureza sobre as questões energéticas, ambientais e de comunicação social. Os trabalhos exploraram inúmeros aspectos das relações intertextuais, simbólicas e fáticas atinentes ao temário. Ali se manifestaram a ciência e a universidade, o governo, a sociedade e muitos outros atores. Os cientistas trouxeram preciosas informações sobre a complexa rede de correlações em que se inserem os problemas da geração de energia, da preservação ambiental e da busca pelo desenvolvimento socioeconômico sustentável. *Trouxeram mais que simples certezas científicas*: externaram suas próprias dúvidas, perplexidades e inquietudes diante de problemas de tamanha magnitude que não podem ser administrados ou solucionados de modo isolado por nenhum país ou grupo social. Os representantes do governo, de modo geral, não apresentaram discursos autoritários nem soluções prontas e acabadas para “resolver” as questões em pauta. Ao contrário, manifestaram interesse na busca de soluções de consenso, negociadas com os diversos atores sociais, em processos complexos em que interesses muitas vezes contrapostos precisam ser conciliados. A sociedade igualmente se fez ouvir por meio de instituições formais e informais. Tiveram voz empresas nacionais e transnacio-

nais, organizações não-governamentais, profissionais de comunicação social, cidadãos comuns que também participaram do Fórum. Todos contribuíram para a compreensão mais integrada da complexidade dos assuntos energéticos e ambientais.

Em síntese, o Fórum trouxe à cena muitos atores sociais que refletiram sobre o temário, de modo que os participantes puderam ter a experiência de construção de narrativas integradas, polifônicas, polissêmicas e exploradoras dos inúmeros vasos comunicantes da teia social. O Seminário Pedagógico de Jornalismo, realizado nas manhãs dos quatro dias do Fórum, foi profícuo. Os participantes constataram a insuficiência das coberturas jornalísticas baseadas no modelo positivista, que não permitem compreender os aspectos multidimensionais das questões energéticas e ambientais na fase atual da globalização. Alternativamente, os participantes exploraram novas vertentes de mediação simbólica na sociedade em que se inserem e, assim, puderam desenvolver discursos mais integrados, compreensivos das múltiplas dimensões das questões do temário.

● Vozes e sentidos plurais

Nos seminários de jornalismo, os participantes examinaram, entre outras, a cobertura das questões energéticas e ambientais em dois importantes jornais: a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Descoberta do pré-sal; disputa de territórios indígenas; propostas de campanhas dos candidatos à Prefeitura de São Paulo; especulação imobiliária etc. De modo direto ou indireto, diversas matérias versavam sobre energia e meio ambiente. Os elementos característicos do positivismo estavam presentes: coberturas fragmentadas, hierarquias mentais, classificações, certezas, juízos de valor, fontes autoritárias de informação, ausência de polifonia e polissemia dos signos das relações sociais. As matérias a respeito das descobertas do pré-sal foram emblemáticas: foco político e econômico, presidente da República como principal voz legitimada, justificativas para a exploração

das reservas, ausência de outras vozes sociais, pouca profundidade, aproximações técnicas e científicas hierarquizadas. Os participantes do Fórum examinaram as mesmas matérias a partir do paradigma do signo da relação e tiveram a oportunidade de explorá-las em seus aspectos multidimensionais.

Os painéis técnico-científicos, nos quatro dias no período da noite, tiveram importância fundamental nesse processo. O governo federal manifestou-se por meio do ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, na conferência inaugural. Foram apresentadas e exploradas questões estratégicas atinentes à produção de energia, à preservação ambiental, ao papel do governo como mediador de conflitos entre setores sociais e, também, aos esforços para integrar e coordenar as ações dos diferentes órgãos das três esferas governamentais envolvidas nessas questões.

A comunidade científica também expôs ao Fórum suas inquietudes e propôs alternativas. O Prof. Dr. Manuel Lemos de Sousa, da Universidade Fernando Pessoa, apresentou suas pesquisas voltadas para os processos de captura de dióxido de carbono da atmosfera por meio de jazidas de carvão. Seus estudos, feitos fundamentalmente em Portugal, agora também serão desenvolvidos no Brasil, em parte financiados por empresas brasileiras interessadas em conhecer e aproveitar essa tecnologia. Questões sociais, econômicas e políticas precisam ser consideradas para que a sociedade determine em que medida está disposta a suportar os ônus inerentes aos processos de captura de dióxido de carbono.¹

O físico brasileiro e Prof. Dr. José Golderberg, que já foi Reitor da Universidade de São Paulo, apresentou ao Fórum o cenário atual das alternativas para a produção de energia de várias espécies. Em especial, examinou a produção de energia a partir dos biocombustíveis frente à produção de energia hidrelétrica, termoelétrica e nuclear. Acen-

¹ A propósito, ver entrevista dada pelo Professor Manuel Lemos de Sousa para a revista *Notícias Magazine*, n. 30, de 29/06/2008, em Portugal.

tuou que a sociedade precisa ter informações mais amplas, completas e claras a respeito da produção energética, a fim de poder debater com propriedade sobre os custos e benefícios econômicos e sociais para a produção de cada tipo de energia.²

Renato Seixas, professor da EACH/USP, procurou mostrar aos participantes do Fórum a complexidade e as múltiplas dimensões da regulação da produção energética e da preservação ambiental no Brasil e no mundo. A fase atual da globalização apresenta fracionamento de poderes político, econômico e cultural, de maneira que diversos atores – nacionais e internacionais – precisam ser ouvidos nessas questões que são transnacionais e não podem ser enfrentadas isoladamente por nenhum país ou grupo social. A própria eficácia e legitimidade da regulação da matéria, no âmbito jurídico-formal ou por meio de instituições não formais, depende de intenso diálogo e construção de soluções de consenso entre os atores sociais.

O Prof. Dr. João Marcelo Ketzer, da PUC/RS, e a Prof^a Dr^a Eliane Fadigas, da USP, trouxeram ao Fórum suas reflexões sobre as questões ambientais, em seus aspectos multidimensionais, e sobre as contribuições que a academia pode dar aos demais atores sociais para a implementação de estratégias e ações conjuntas para a produção de energia, preservação ambiental e desenvolvimento sustentável.

O Prof. Dr. Dimas Kunsch, da Faculdade Cásper Líbero, apresentou o contexto em que se desenvolvem as mediações jornalísticas na atualidade. A cobertura das matérias há de ser compreensiva, como disse aos participantes ao apresentar o painel *Jornalismo e Epistemologia da Compreensão*. Ele sugeriu que se fuja das amarras do *signo da explicação* e que se passe a explorar o *signo da compreensão*, em suas interfaces com o signo da relação. Destacou a importância de o jornalista estar atento às práticas sociais, às redes de relações

em que estas práticas ocorrem e às vozes dos personagens para compreender os significados e sentidos possíveis dos fenômenos que são temas das narrativas produzidas pelo jornalista como mediador simbólico.



O processo de comunicação envolve mais as mediações que os meios, diz respeito à cultura. Os sujeitos são mais relevantes que as tecnologias

O Prof. Dr. Laan Mendes de Barros, também da Cásper Líbero, desenvolveu reflexões provocantes sobre a comunicação social a partir da teoria da recepção. Em seu painel intitulado *Das poéticas da mídia às estéticas da recepção* sublinhou que os profissionais da área, em especial os jornalistas, precisam compreender todas as dimensões do processo de comunicação. Entretanto, ressaltou que esse processo envolve *mais* as mediações do que os meios, no sentido de que diz respeito à cultura. Portanto, não pode se restringir só ao conhecimento, tendo que cuidar também de reconhecimento, de identificação entre os atores envolvidos na comunicação. Por isso, no processo de comunicação, os sujeitos são mais relevantes do que a tecnologia usada para realizar a comunicação.

A iniciativa privada empresarial igualmente trouxe sua visão sobre a produção de energia e desenvolvimento socioeconômico sustentável. O engenheiro agrônomo Dr. Laércio Giampani apresentou amplo panorama sobre o complexo problema da produção de alimentos e da preservação ambiental, destacando que o uso intensivo de tecnologia de alto valor agregado é fundamental tanto para preservar áreas cultiváveis como para aumentar o volume de alimentos demandado pela crescente população mundial. Por outro lado, o engenheiro Dr. Roberto Simões

² Na revista *Pesquisa Fapesp*, n. 150, de agosto/2008, há interessante matéria sobre a trajetória profissional e acadêmica do Prof. Dr. José Goldemberg, na qual o entrevistado apresenta o panorama atual da produção de energia no Brasil e no mundo.

explorou os aspectos multidimensionais de planejamento, instalação e operação de usina hidrelétrica. Em especial, expôs estratégias para diminuir e gerenciar riscos de degradação ambiental relacionados com a produção desse tipo de energia. Ambos os expositores enfatizaram a necessidade inafastável de as

O Fórum proporcionou uma compreensão mais ampla da produção energética, da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável

empresas dialogarem com outros atores sociais. A busca da negociação levará os interessados a encontrarem soluções de consenso, apoiadas não apenas na responsabilidade ambiental, mas também na responsabilidade social e ética desses atores como interessados solidários no desenvolvimento sustentável.

A voz de ambientalistas foi representada pelo Dr. Ricardo Baitelo, do Greenpeace Brasil, que externou as preocupações e ações políticas que as entidades de proteção ambiental têm, enfatizando que as negociações multilaterais precisam ser mais amplas, profundas e democráticas.

Evidentemente, também os profissionais de comunicação social contribuíram de modo muito significativo para as reflexões do Fórum. Esses profissionais participaram dos seminários pedagógicos e dos painéis técnico-científicos, formularam questões provocativas, profundas, muitas vezes captadas exatamente nas inquietações sociais. A jornalista Márcia Blasques, da Coordenadoria de Comunicação Social da USP, apresentou importante seminário pedagógico sobre seu projeto piloto de comunicação interativa por meio de portal eletrônico. O projeto permite, na prática, a colheita de manifestações diretas e em tempo real de diferentes atores sociais

interessados em refletir sobre qualquer tema difundido nos meios de comunicação. Outros jornalistas atuaram como debatedores nos seminários pedagógicos ou painéis técnico-científicos, como ocorreu com os jornalistas Sinval Medina, co-organizador do Fórum; Lucas Bataglin, da TV Globo e do *Globo Rural*; Pedro Ortiz, da TV USP; Eduardo Geraque, da *Folha de S.Paulo*; Laura Greenhalg, de *O Estado de São Paulo*; e Carlos Félix Ximenes, da Google Brasil.

Tendências e perspectivas

O Fórum foi importante por possibilitar que os profissionais de comunicação social tenham compreensão mais ampla, profunda e, sobretudo, integrada a respeito da produção energética, da preservação ambiental e do desenvolvimento socioeconômico sustentável. Ao examinarem as mesmas matérias a partir dos dogmas do modelo positivista e, depois, com base no paradigma do signo da relação, perceberam a relevância de sua função de mediadores de significados sociais intertextuais.

De fato, as reflexões do Fórum, especialmente no âmbito dos seminários pedagógicos, revelaram a falência das linguagens midiáticas que apelam exclusivamente à persuasão (lógica e razão). Os participantes mergulharam no processo de criação narrativa da cena viva que emerge das práticas sociais. Deram voz aos atores sociais, exploraram as complexas redes formadas pelas relações dos afetos e também os espaços de não-razão do ser humano. A comunicação social deve ser concebida como um processo multidimensional que abrange não só os sistemas simbólicos da lingüística, mas também o universo cultural em que estão inseridos os participantes de tal processo. Como assinala Canclini (2005:136):

Multimídia e multicontextualismo: estas são as duas noções-chave para a redefinição do papel (...) da cultura em geral. (...) as identidades nacionais e locais só podem persistir na medida em que as situemos numa comunicação multicontextual. A identidade, dinamizada por esse processo

não será apenas uma narrativa ritualizada, a repetição monótona pretendida pelos fundamentalismos. Ao se tornar um relato que reconstruímos incessantemente, que reconstruímos com os outros, a identidade torna-se também uma co-produção.

Esse sentido de “co-produção” pressupõe a interação dialógica, polifônica e polissêmica entre os emissores de mensagens com significados e os receptores dessas mensagens. Em decorrência desses aspectos, cada interlocutor interage não só com o outro, mas, também, relaciona o conteúdo de cada discurso com todo o universo cultural dentro do qual o processo de comunicação se desenvolve. Cada interlocutor conecta os conteúdos simbólicos da narrativa com fatos do seu meio ambiente presente, com momentos anteriores de sua vida, com as expectativas que tem para o futuro, com seus sentimentos gerais ou específicos, com as imagens e símbolos míticos que trafegam no seu inconsciente. Procedendo assim, cada interlocutor deixa de ser um receptor passivo das mensagens que lhe são dirigidas pelo outro interlocutor. Ao contrário, ao receber cada mensagem, o interlocutor-receptor a amplia, porque nela incorpora o seu sistema de significados e de valores culturais. Reorganiza a narrativa que lhe foi dirigida e cria outra, mais complexa, porque inclui tanto a mensagem original como a narrativa do interlocutor-receptor. Desse modo, este último recria a realidade contida no discurso original e, então, apresenta essa nova realidade ao seu interlocutor, que agora passa a ser receptor e reproduzirá idêntico processo, como protagonista-ator

de sentidos. Trata-se, então, de um processo comunicacional *dialógico*, porque envolve participação ativa e transformadora de cada interlocutor; *polifônico*, porque abrange não somente os signos contidos em determinada mensagem, mas sim todos os signos culturais que o receptor utilizar para receber, decodificar, compreender, reorganizar e reeditar a mensagem original; e *cíclico*, porque tal processo continua a se reproduzir até o momento em que a comunicação é interrompida.

Os próprios participantes do Fórum fizeram o balanço do evento e elencaram as perspectivas resultantes das reflexões que desenvolveram. Algumas fontes de energia já são escassas ou se esgotarão; outras são renováveis, e é preciso que a tecnologia se desenvolva de modo a serem aproveitáveis em escalas mais amplas e para diferentes usos sociais. É emergencial desenvolver estratégias que viabilizem a combinação e a complementaridade das fontes energéticas associadas à preservação ambiental. Os problemas concernentes ao desenvolvimento socioeconômico sustentável exigem reflexão compreensiva, na qual devem intervir representantes de diferentes segmentos sociais, a fim de que possam ponderar sobre os custos e benefícios que estarão dispostos a absorver. Nesse contexto, os mediadores dos signos das relações deverão estar atentos às práticas do cotidiano social: sem essa estratégia haverá a tendência de as matérias jornalísticas não estarem afetas, não dizerem respeito, não interessarem aos receptores das mensagens que, como visto, por sua vez, também são autores-narradores-mediadores das mensagens a eles dirigidas.

Referências

- CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- CRUZ, Maria Teresa. "A estética da recepção e a crítica da razão impura". *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, n.3, jun 1986.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LOHISSE, Jean. *La communication anonyme*. Paris: Éditions Universitaires, 1969.
- MADEIRA, Ricardo. *Fundamentos da linguagem e topologia da comunicação*. São Paulo: Plêiade, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MEDINA, Cremilda. *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. *Povo e personagem*. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.
- _____. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.
- MOLES, Abraham. *Civilização industrial e cultura de massas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulinas, 2005.
- _____. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2005a.
- SEIXAS, Renato. *Identidade cultural da América Latina nas mensagens publicitárias*. Tese de doutorado. São Paulo: Prolam/USP, 2006.